

O PLANO DE GESTÃO E USOS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS E A PEDAGOGIA CRIOLA

Márcia Jucilene do Nascimento¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Departamento de Antropologia(DAN), Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como finalidade descrever como aconteceu, como também, apresentar alguns resultados sobre uma pesquisa realizada pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC, no ano de 2011, com o objetivo de subsidiar a elaboração do Plano de Gestão do Território da referida comunidade. Essa pesquisa teve como espaço de articulação, as escolas quilombolas e parte do público pesquisado foram os estudantes de todas as modalidades oferecidas no quilombo, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Foram consultadas também lideranças, representantes de associações de agricultores(as), pessoas adultas e idosas. Foram formados diversos grupos, e para cada um deles foi planejada e utilizada uma metodologia de acordo com cada faixa etária. A análise do que expressou cada grupo pesquisado, resultou em importante contribuição para um plano territorial com um olhar no passado, no presente e também no que poderá ser o futuro, em termos de utilidade da terra, cuidados, e preservação da Natureza. O fortalecimento de uma ancestralidade centrada no pertencimento étnico, nas tradições culturais e modos de vida, vividos a partir do uso da terra, também foram questões observadas nos relatos orais, e em atividades escritas, através dos desenhos das crianças, etc.

Palavras-Chave: Conceição das Crioulas; Gestão Territorial; Pedagogia Criola.

¹ Doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, RN – Brasil, Departamento de Antropologia(DAN) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS, bolsista do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Pesquisadora na área de Educação Escolar Quilombola, mestra em Desenvolvimento Sustentável pela UnB. Integrante das Comissões de Educação e de Comunicação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. Membro da Comissão Nacional de Educação Escolar – CONEEQ – SECADI/MEC, enquanto titular da Região Nordeste. Integra também o Coletivo de Educação Escolar Quilombola da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - Conaq.

THE MANAGEMENT AND USE PLAN FOR THE QUILOMBOLA TERRITORY OF CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS AND CRIOLA PEDAGOGY

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe how it happened and to present some of the results of a survey carried out by the Conceição das Crioulas Quilombola Association (AQCC) in 2011, with the aim of subsidising the preparation of the community's Territory Management Plan. This research was carried out in the quilombola schools, and part of the public surveyed were students from all the disciplines offered in the quilombo, i.e. from kindergarten to high school. Leaders, representatives of farmers' associations, adults and the elderly were also consulted. Several groups were formed, and for each one a methodology was planned and used according to each age group. Analysing what each group said resulted in an important contribution to a territorial plan that looks at the past, the present and also what the future could be, in terms of land use, care and nature conservation. The strengthening of an ancestry centred on ethnic belonging, cultural traditions and ways of life, lived through the use of the land, were also issues observed in the oral accounts, and in written activities, through the children's drawings, etc.

Key words: Conceição das Crioulas; Territorial Management; Crioula Pedagogy.

PLAN DE GESTIÓN Y USO DEL TERRITORIO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS Y PEDAGOGÍA CRIOLA

RESUMEN

El propósito de este artículo es describir cómo sucedió y presentar algunos de los resultados de una investigación realizada por la Asociación Quilombola Conceição das Crioulas (AQCC) en 2011, con el objetivo de subvencionar la elaboración del Plan de Ordenamiento del Territorio de la comunidad. Esta investigación se llevó a cabo en las escuelas quilombolas, y parte del público encuestado fueron alumnos de todas las disciplinas ofrecidas en el quilombo, es decir, desde el jardín de infancia hasta la escuela secundaria. También se consultó a dirigentes, representantes de asociaciones de agricultores, adultos y ancianos. Se formaron varios grupos, y para cada uno se planificó y utilizó una metodología acorde con cada grupo de edad. El análisis de lo que dijo cada grupo dio como resultado una importante contribución a un plan territorial que contempla el pasado, el presente y también lo que podría ser el futuro, en términos de uso de la tierra, cuidado y conservación de la naturaleza. El fortalecimiento de una ancestralidad centrada en la pertenencia étnica, las tradiciones culturales y las formas de vida, vividas a través del uso de la tierra, también fueron cuestiones observadas en los relatos orales, y en las actividades escritas, a través de los dibujos de los niños, etc.

Palabras clave: Conceição das Crioulas; Gestión Territorial; Pedagogía Crioula.

PLAN DE GESTION ET D'UTILISATION DU TERRITOIRE DE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS ET DE LA PÉDAGOGIE CRIOULA

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est de décrire comment cela s'est passé et de présenter quelques-uns des résultats d'une enquête menée par l'Association Conceição das Crioulas Quilombola (AQCC) en 2011, dans le but de subventionner l'élaboration du Plan de gestion du territoire de la communauté. Cette recherche a été menée dans les écoles de la quilombola, et une partie du public interrogé était composée d'élèves de toutes les disciplines proposées dans la quilombo, c'est-à-dire de la maternelle au lycée. Des dirigeants, des représentants d'associations paysannes, des adultes et des personnes âgées ont également été consultés. Plusieurs groupes ont été constitués et pour chacun d'entre eux, une méthodologie a été prévue et utilisée en fonction de chaque tranche d'âge. L'analyse de ce que chaque groupe a dit a abouti à une contribution importante à un plan territorial qui examine le passé, le présent et aussi ce que pourrait être l'avenir en termes d'utilisation des terres, de soins et de conservation de la nature. Le renforcement d'une ascendance centrée sur l'appartenance ethnique, les traditions culturelles et les modes de vie, vécus à travers l'utilisation de la terre, ont également été observés dans les récits oraux et dans les activités écrites, à travers les dessins des enfants, etc.

Mots clés: Conceição das Crioulas; Gestion territoriale; Pédagogie Crioula.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

A luta por terra no Brasil pelas populações em situações de desigualdade social, em específico, a população quilombola tem causado sérias consequências para esse povo. Além de sofrer um verdadeiro massacre na época da vigência formal da escravidão, atualmente, estamos convivendo com inúmeras sequelas, as quais nos afetam de várias maneiras, e em se tratando da Educação Escolar, não ter acesso ao território, faz com que as vivências da educação se tornem descontextualizadas do que se pensa e se constrói de uma educação fundamentada na história, cultura e modos de vida quilombola.

O movimento negro e o povo quilombola nos anos 1980, após persistirem na luta pela causa do povo negro e dos quilombos brasileiros, conquistaram o art. 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT, instituído no ato da promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988. “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Apesar de séculos de resistência em terras brasileiras, somente neste ano, os quilombolas foram vistos como sujeitos de direitos. Um projeto de negação dos direitos quilombola segue em curso, desde o período da escravidão. A invisibilização e tentativa de apagamento da história do nosso povo permanece até os dias atuais. Porém, a resistência também é permanente e persistente, continua viva, atuante. Fato é que hoje somamos 1.330.186 quilombolas, segundo dados do IBGE de 2022, localizados em 5.972 comunidades, distribuídas em 1.672 municípios brasileiros. Um quantitativo distribuído em 8.441 localidades quilombolas no território brasileiro, associadas a 7.666 comunidades quilombolas declaradas pelos informantes do Censo Demográfico².

Figura 1 - Localidades Quilombolas 2022

² Ver

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=40667> e

aqui <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40704-censo-2022-brasil-possui-8-441-localidades-quilombolas-24-delas-no-maranhao#:~:text=Censo%202022%3A%20Brasil%20possui%208.441,no%20Maranh%C3%A3o%20%7C%20Ag%C3%Aancia%20de%20Not%C3%ADcias>



Fonte: IBGE(2022)

A figura acima é uma constatação de que dados sobre a população quilombola não existia. A este povo era negado o direito de ser contabilizado, oficialmente, questão fundamental para buscar políticas públicas, hoje, há estatísticas do Estado, através do Censo do IBGE de 2022, buscando a garantia de existir e ser visto pelos governos como pessoas detentoras de direitos.

Essas informações são importantes, porque a regularização dos territórios quilombolas é prioridade na pauta do movimento quilombola. Isso intensificou-se após o marco do art. 68 e em Conceição das Crioulas, as escolas vivenciam um currículo escolar com vistas a fortalecer esse tema. Não há escola sem o território. Essa afirmação é comum ser ouvida nos vários espaços de discussão, em que defendemos a Educação Escolar Quilombola. É a compreensão de que a escola e o território estão intrinsecamente ligados. Sobre isso, Givânia Silva, pesquisadora quilombola descreve:

[...] escola e o território são partes um do outro. Territorializar a educação, fazendo dela ferramenta de organização social e de luta política, faz com a escola e o território não andem separados e nem construam sentidos antagônicos, que ambos busquem a libertação dos corpos e mentes, para que estes possam caminhar, resistir e se tornar símbolo da luta por direitos. (Silva, 2022, p. 300).

Foi pensando na importância desse tema, por ele fazer parte da prática pedagógica das escolas quilombolas, que relato nesse texto a experiência de uma pesquisa e apresento também algumas considerações sobre práticas e ações da “Pedagogia Crioula”, jeito de fazer Educação Escolar Quilombola, no território de Conceição das Crioulas. Essa escuta, a qual chamamos de Pesquisa do Território, porque foi assim intitulada por nós, foi planejada por fazer parte do currículo, observando o que está posto no Projeto Político Pedagógico das Escolas do Território. Tais considerações têm a intenção de divulgar a importância dessa ação, que foi construída coletivamente pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC, juntamente com as escolas quilombolas do território e assessorias parceiras.

Nesse sentido, esta escrita se constrói enquanto sistematização de uma experiência vivida por nós, quilombolas de Conceição das Crioulas, no ano de 2011, a partir da ideia de que as escolas precisam estar presentes nas lutas da comunidade. “Uma educação escolar que fortaleça e participe da luta pela regularização dos nossos territórios tradicionais”. É assim que diz a Carta de Princípios da Educação Quilombola de Pernambuco, 2008, no seu princípio de número 3.

E nesse contexto de participação das escolas nos processos de lutas da comunidade, que destaco a Função Social das Escolas do Território de Conceição das Crioulas.

Na nossa comunidade a escola é importante para reafirmar nossa história, nossa cultura, valorizar nossa organização social e nossa identidade étnica. Fortalecer nossos saberes e conhecimentos próprios e a luta pelo nosso território[...]

É importante também que a escola ensine a ler, escrever, contar e interpretar bem, de forma que esse tipo de conhecimento possa contribuir com os estudantes no enfrentamento de todas as formas de injustiças e que, sobretudo, fortaleça o projeto de vida coletiva das pessoas que vivem em nosso território.

(PPP das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas)

Portanto, a Pesquisa do Território, foi uma ação de extrema significância quando falamos de contribuição e envolvimento da escola na vida da comunidade.

Que seja presente e participativa na vida da comunidade, reconhecendo e respeitando todos os espaços onde nossas crianças e jovens aprendem e se educam, como na roça, na pescaria, nas festas tradicionais, nas reuniões comunitárias, nos terreiros das casas dos mais velhos, etc.
(Carta de Princípios da Educação Quilombola de Pernambuco, princípio 2, 2008.)

O PLANEJADO E O VIVIDO

Aqui, no nosso quilombo, foi construída uma das primeiras escolas rurais do município. A narrativa oral apresenta o período dos primeiros anos da década de 1950, aproximadamente, época que foi construída essa escola. Uma escola num padrão, que atendia ao pensamento colonial de “adestramento”, conforme ensina o mestre quilombola Antônio Bispo, que afirma com sabedoria e convicção de que a escola ainda é um lugar de adestrar pessoas.

Esse pensamento se confirma quando observamos o quanto a escola (des)envolveu e ainda (des)envolve e “desterritorializa” a comunidade. Segundo Nego Bispo, 2023, “A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade”. Por isso, a escola como uma ideia colonialista, trabalha com a ideia de adestrar e de (des)envolver.

Analisando a finalidade da escola desde a sua implantação, percebe-se que esses conceitos agiram e ainda agem, causando prejuízos e consolidando desigualdades na sociedade brasileira. A escola se estabeleceu como uma instituição que teve como objetivo principal, catequizar os povos originários e depois continuou seu projeto com os descendentes africanos que aqui foram escravizados.

Com a convicção de que nossa história foi esquecida, nossa voz silenciada, nossos direitos violados, especificamente através da escola, compreendemos que contracolonizar é o caminho de resistência para que nosso povo continue existindo.

Os processos das lutas quilombolas trazem à reflexão o papel da educação escolar nas comunidades num contexto de resistência histórica por reconhecimento, território titulado e direitos sociais, questão discutida por Luane Santos (2020). O quilombo de Conceição das Crioulas é um dos pioneiros na ação de reconstrução do

seu currículo, a fim de vivenciar práticas e vivências pedagógicas focadas no território, suas lutas e seus modos de vida tradicionais.

Desse modo, quando as lideranças de Conceição das Crioulas atentam para isso, e percebem que os seus direitos estão sendo violados, iniciam o processo de reconstrução da sua história. Começam a lutar pela reconquista do território e também apostam na educação formal, por meio da escola. Não àquela escola colonizadora que tentou apagar nossa história, invisibilizar nossos corpos e calar nossas vozes. Porque foi isso que a escola fez durante séculos e que ainda hoje permanece utilizando práticas e ações que reafirmam essa finalidade. É triste essa constatação, no entanto, ela foi criada e posta em prática com esse pensamento.

Sobre isso, Maria Diva, pesquisadora quilombola de Conceição das Crioulas descreve:

A hegemonia do modelo colonial eurocêntrico é o principal responsável pela invisibilidade e desvalorização das formas tradicionais de ensinamentos dos costumes, tradições, valores, crenças e saberes ancestrais da nossa comunidade. Ressalto que em tempos bastante recentes, também em nossas escolas, os elementos referenciados acima não eram percebidos ou considerados importantes para o processo educativo institucionalizado e, por isso mesmo, a educação não refletia sobre tais elementos e buscava atender aos padrões impostos pelo sistema educacional vigente nas nossas escolas. (Rodrigues, 2017, p. 98).

A ideia de uma outra escola é posta em prática. No ano de 1995, conquistamos a escola de 5^a a 8^a série, à época assim denominava a modalidade de Ensino Fundamental – Anos Finais. A partir da Escola Professor José Mendes, firmamos um projeto de escola centrado na história de resistência da comunidade, na valorização da cultura e das tradições e no fortalecimento da identidade étnica, tendo como missão principal ser instrumento das lutas quilombolas.

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC é criada, no ano 2000, com a finalidade de receber o título de posse, enquanto território quilombola, por isso, também com a missão de fazer a gestão do território demarcado, totalizando uma área de dezesseis mil, oitocentos e sessenta e cinco hectares, seis ares e setenta e oito centiares. Uma missão social e política muito importante, porém bastante desafiadora.

É nesse contexto da responsabilidade de fazer a gestão da área titulada, e por ocasião da deliberação por parte do Governo Federal, de recursos para processos de

desintrusão e indenização das primeiras áreas “ocupadas” por fazendeiros, que a AQCC cria um grupo de trabalho, ao qual foi chamado de Grupo de Trabalho de Gestão de Território (GT – Território) e juntamente com as escolas quilombolas, organizaram a pesquisa.

Com a intenção de colher informações das pessoas das diversas áreas do território para construirmos o Plano de Gestão e Usos do Território Quilombola Conceição das Crioulas, na companhia de Marta Antunes, antropóloga e parceira, que na época, fazia um estudo de pesquisa na comunidade, e também André Araripe do Centro de Cultura Luiz Freire - CCLF, companheiro e parceiro de longas datas, que prestaram assessoria para a associação, planejamos como seria o formato da pesquisa, respondendo as principais questão: quem, quando e como.

O grupo elaborou uma proposta, delimitando um percentual aproximado do público a ser pesquisado e qual seria o objeto específico dela. Marta Antunes, após sua tese de doutorado concluída, explica:

[...] identificar como a população de Conceição das Crioulas usa o espaço hoje e como pensa usar no futuro. Para conseguir essa informação, o Grupo de Trabalho de Gestão do Território planeja uma pesquisa que busca alcançar entre 5% e 10% da população de Conceição das Crioulas, num esforço conjunto entre AQCC e Escolas do território, contando com a assessoria de André Araripe e a minha nesse processo. Surge assim a “Pesquisa sobre o Território”. (Antunes, 2016, p. 381).

Convencidas desse propósito, as pessoas que faziam parte do GT – Território que era composto pela coordenação da AQCC, lideranças, professoras e outras que também discutiam o tema, elaboramos o plano de realização da pesquisa. Na tentativa de obter um bom resultado, pensamos em organizar por faixa etária. Por isso, crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas idosas não podiam ficar de fora.

Em vista disso, foram propostas três questões principais, em que a primeira servia de base para as seguintes, numa lógica de tempo presente e tempo futuro. Como se usa a terra/território hoje e como pensa usar no futuro, foi posto como a base principal. A partir dela, planejou as demais. Pensar a terra/território hoje e pensar o que será no futuro; Quem usa a terra/território hoje e quem usará no futuro? Essa dimensão do tempo, tinha como finalidade coletar subsídios para a construção

de uma proposta de uso e ocupação do território, tentando projetar uma visão de futuro que contemplasse as gerações vindouras.

O território quilombola é ancestral, é vivo, é atual e resistente. Pensando assim, Nego Bispo relatou: “Nós somos o começo, o meio e o fim. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia”. Essa frase é um chamamento para permanecermos fortes, na continuidade de nossa existência. Ontem, hoje e amanhã estaremos vivos por força da ancestralidade, guiados e guiadas pela ideia de que cuidar e preservar os territórios ancestrais, para que as descendências tenham o direito de usufruir e o cuidado em manter a Natureza viva, construímos os instrumentos da pesquisa.

Consultar a comunidade sobre um assunto que trazia a esperança de poder viver num espaço de maneira autossustentável, e o mais importante ainda, ter o direito de ocupar as áreas que historicamente pertenceram ao povo quilombola e que foram usurpadas por outros, era um momento ímpar. Um sonho que a partir da luta e da resistência das primeiras mulheres após habitar este território e trabalhar arduamente, foi realizado. Seria sentir de novo, o sentimento de liberdade que impulsionou as gerações que nos antecederam a lutar, incansavelmente, portanto, com a responsabilidade da continuidade ancestral, cabia e cabe a nós, dar continuidade às lutas quilombolas.

Sobre isso, observemos o que diz Márcia Nascimento.

Conceição das Crioulas é uma comunidade quilombola do sertão pernambucano com uma forte consciência política e identitária apoiada na história de luta e resistência, nos saberes dos mais velhos e em valores comunitários de partilha e reciprocidade. O sentimento de pertencimento ao território conquistado foi incorporado pelos/pelas descendentes das primeiras crioulas, o que fez com que lutássemos corajosamente para defender a herança mais importante deixada por nossos ancestrais: o território tradicional. (Nascimento, 2017, p. 21/22.)

O público das três escolas do território, incluindo o Ensino Médio que era oferecido, através de uma extensão de uma escola da cidade, foi consultado. E para dar conta do que havíamos planejado, em relação às idades, convidamos adultos e idosos que não, necessariamente, frequentavam as escolas. Organizamos o público em seis faixas etárias de idade. Estudantes de quatro a sete anos e de oito a 12

anos; de 13 a 17 anos; de 18 a 29 anos; de 30 a 59 anos, e um grupo de pessoas a partir de 60 anos de idade.

A metodologia foi pensada com o intuito de atender, especificamente, cada faixa etária. Entre as atividades propostas estavam: desenhos, trabalhos em grupos, questionários abertos e fechados e roda de conversa. Para cada turma foi pensado quem seriam as pessoas que coordenariam o momento. Professoras, professores, lideranças e parceiros deram conta dessa função. À noite, horário que foi planejado para acontecer o momento com as pessoas mais velhas, antes de iniciar a Roda de Conversa, aconteceu um seminário, em que houve uma explanação sobre normativas e procedimentos para a Regularização Fundiária dos Territórios Quilombolas. Esse momento foi coordenado pelo parceiro André Araripe, do Centro de Cultura Luiz Freire – CCLF, organização não-governamental.

A prática de planejamento em rede acontece desde a implantação da Escola Professor José Mendes, que teve como primeira diretora Givânia Silva, professora, e pesquisadora quilombola da comunidade, defensora da causa quilombola, nas diversas pautas de lutas, tanto em nível nacional, como internacional. É também responsável por instigar o processo de construção de uma escola “contracolonial” em Conceição das Crioulas.

Atualmente, o planejamento coletivo é realizado pelas quatro escolas quilombolas. Escola Mun. Bevenuto Simão de Oliveira; Escola Mun. José Nêu de Carvalho; Escola Mun. Professor José Mendes e Escola Estadual Professora Rosa Doralina Mendes. Assim, como planejamos a Pesquisa sobre Gestão e Usos do Território é usual planejarmos conjuntamente, AQCC e escolas, ações que fazem parte do calendário sociocultural e outras relacionadas às pautas das lutas quilombolas.

O planejar da Pesquisa do Território, além de apresentar objetivo político importante para o organização da comunidade, fortalece o sentido de coletividade, construído pelas primeiras mulheres quando chegaram a essa região.

QUESTÕES E RESULTADOS

Apresentarei algumas questões que se destacaram nas atividades da pesquisa, fazendo algumas considerações a partir das respostas obtidas. A ideia é que possamos perceber o que pensam a população de Conceição das Crioulas sobre a reconquista do território e seus usos.

Sobre as questões apresentadas em todos os questionários aplicados, Marta Antunes, antropóloga, pesquisadora na comunidade e que também desempenhou a função de assessora na pesquisa, descreve:

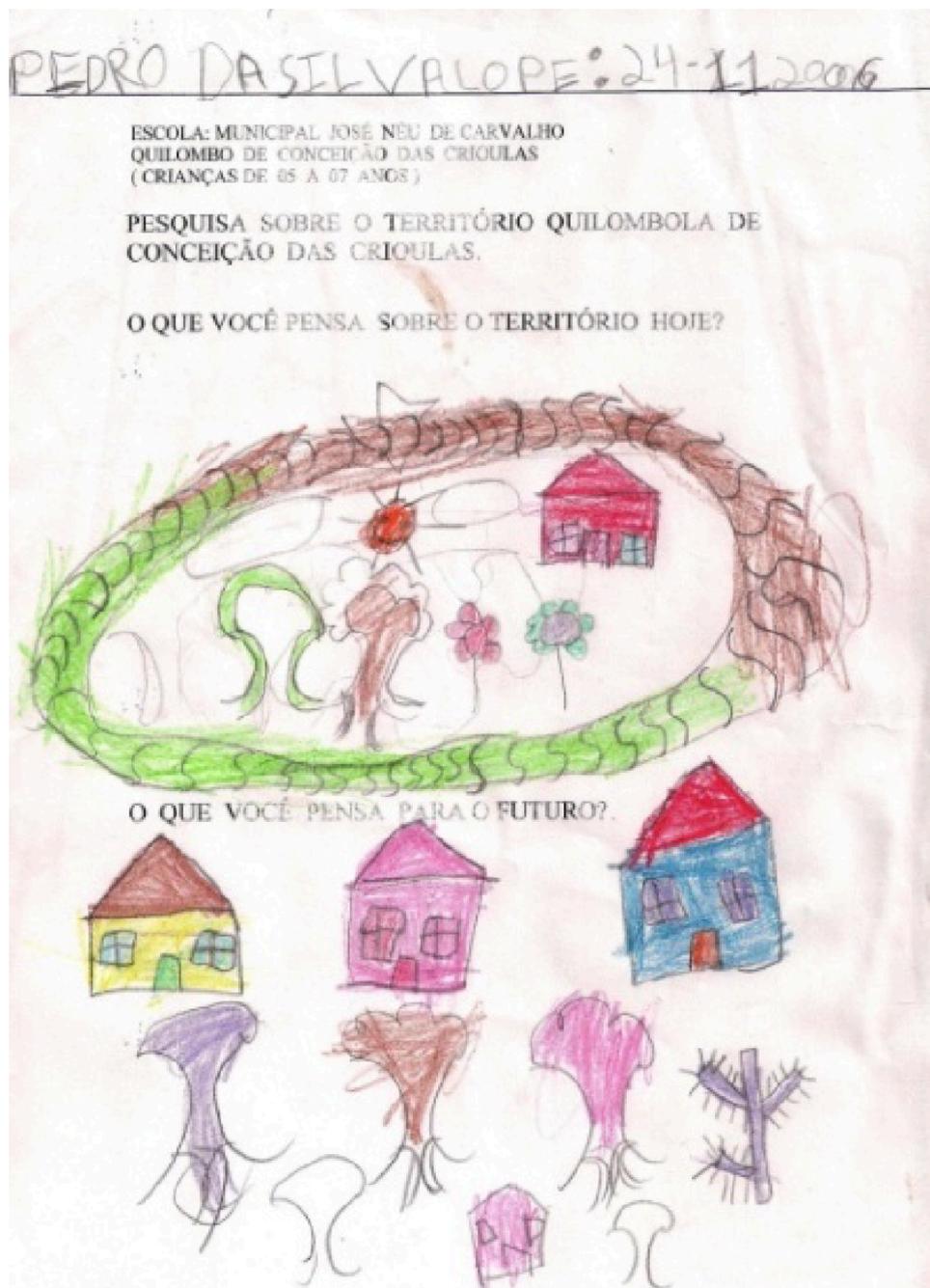
Leio a pesquisa como composta de três grandes eixos, um é o ir atrás e perguntar, como colocou Dona Rosa, e a pergunta que orientava a pesquisa foi definida: "Como usa a terra/território hoje e como pensa usar no futuro". À qual foi acrescentada uma segunda pergunta: "Quem usa a terra/território hoje e quem vai usar no futuro?". A pesquisa visava: "coletar informações para fundamentar a construção coletiva de uma proposta de uso e ocupação do território" (R.C.C. 15/10/2011). Buscava-se informação sobre como a população usa e como pensa usar, assim como saber como se pensa quem deverá usar[...] Antunes, 2016, p. 382)

É sobre esse primeiro eixo, definido de forma resumida, por Marta Antunes que pretendo expor algumas impressões sobre as respostas obtidas,

Os trabalhos produzidos pelas crianças do grupo de quatro a sete anos de idade, especificamente, da Escola Bevenuto Simão de Oliveira, trouxeram muitos desenhos de cercas. Levando em consideração a história de resistência do quilombo, as situações de opressões vividas, e a realidade atual, podemos fazer leituras dessas imagens por diversas perspectivas. Observando onde as crianças residem, se são do Sítio Paula, da Vila Centro do quilombo, ou de outros sítios mais distantes, onde o acesso às roças acontecem de maneiras diferentes, as representações feitas por elas, possivelmente, marcam situações do cotidiano, que fazem parte do imaginário dessas crianças, marcando-as negativamente ou de maneira positiva.

Para quem é de Conceição das Crioulas que viveu ou ouviu as histórias de dominação dos espaços, não é difícil ler o que desenharam as crianças. A realidade da época e a visão de futuro deixam explícito, que as cercas do hoje (momento da pesquisa), não se manterão, na visão do amanhã.

Observe as respostas de Pedro sobre o território hoje, e o que ele pensa para o futuro.

Figura 2 - Atividade de Alunos Quilombola

Fonte: Antunes, p. 391, 2016.

Elaborado por aluno (© Marta Antunes / Novembro 2011).

As pessoas pesquisadas através de questionários fechados ou abertos, apresentaram uma diversidade de respostas, mesmo quando era perguntado sobre a mesma questão. Poderemos compreender que a finalidade e uso do território, são

vistos por pessoas de idades diferentes, de maneiras diferentes. Quer dizer que o que pensa uma pessoa de 40 anos, por exemplo, se contrapõe ao que pensa um adolescente de 17 anos. Teoricamente as visões de mundo são ressignificadas, ao longo dos tempos. Pensando assim, é possível perceber os distanciamentos entre os relatos dos grupos de faixas etárias diferentes.

As questões abordadas nos questionários aplicados aos grupos de faixas etárias, que compreende as idades de oito a 59 anos de idade, basicamente, se referem a perguntas para identificar noções de cuidados com a Natureza, considerando a visão de futuro presente nos instrumentos; de perceber a compreensão dos pesquisados em relação a dimensão da terra, se é suficiente ou insuficiente, não só para o plantio, mas também, para criação de animais, para construções de espaços de lazer, moradias, áreas de conservação, etc. Foca também nos modos de vida que expressam o cotidiano de uma comunidade tradicional, onde os costumes, as tradições e as atividades de lidar com a terra, acontecem nas vivências do quilombo, em diversos espaços e lugares de aprendizagens e principalmente no dia-a-dia com as pessoas mais velhas.

Por inúmeros motivos, a maioria das pessoas pesquisadas relataram que as terras, às quais têm acesso, são insuficientes. Analisando essa resposta, ela nos faz entender que há uma preocupação com a expectativa de vida futura. Percebe-se que esse público compreende que a regularização do território é um direito que garantirá a conquista da terra, futuramente, sendo possível concretizar todas as esperanças relacionadas a ela.

Na Roda de Conversa que aconteceu na Casa da Comunidade Francisca Ferreira, com pessoas mais velhas e coordenada por mim, os debates em torno de quem está de posse das terras e sobre quem tem o direito legítimo de ocupá-las e continuam sendo meeiros/meeiras dos fazendeiros, levou um bom tempo da atividade. Afirmar que as expropriações de terras causaram enormes prejuízos para a comunidade, foi o centro das discussões.

Além disso, foram compartilhadas muito mais histórias importantes que são guardadas nas memórias das mais velhas. Contação de histórias, lendas, e causos que fazem parte da cultura do nosso povo, ou seja, dos nossos “modos de vida”,

como sabiamente oralizou o Mestre Bispo, permearam as conversas naquela noite. A conversa se tornou tão espontânea e cheia de significados que foi difícil dizer, até mais.

COMEÇO, MEIO E COMEÇO

Simultaneamente ao planejamento da pesquisa e após o seu resultado, as escolas desenvolveram projetos e ações que trabalhavam com o tema: Território. Conversas, andanças e danças do trancelim, banda de pífano, pessoas mais velhas, coisas escritas e não escritas, fizeram parte desse grande movimento de “territorialização” (Oliveira, Apud Antunes, 2016) que acontecia naquele período, no Quilombo de Conceição das Crioulas.

Quais foram as contribuições da temática nos fazeres de todos e todas da escola? Essa foi uma pergunta respondida por nós, quando apresentamos o trabalho da pesquisa, em uma formação de professoras e professores na cidade. Entre os pontos levantados pelo grupo, teve destaque o fortalecimento da identidade étnica individual; afirmação do sentimento de coletividade do povo quilombola e a percepção da importância da escrita nos espaços escolares.

Os estudantes mediados por professores e professoras cientes de que a pesquisa é um dos caminhos para se registrar memórias e histórias, e que contribui para a transmissão dos saberes tradicionais, perceberam que os estudantes sentiam-se seguros para produzir novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que construíam um perfil de estudantes pesquisadores da sua própria história.

O povo de Conceição das Crioulas adquiriu mais conhecimentos da história de resistência quilombola e das expropriações de terras que ocorreram. Em vista disso, sentiu-se mais fortalecido na luta pelos direitos, no mesmo momento em que compreenderam melhor, sobre gerenciamento e uso coletivo do território.

Na ocasião, definimos a publicação do Livro - Nosso Território Conceição das Crioulas, que traz temas relacionados à cultura e à geografia do quilombo.

E o Plano de Gestão e Usos do Território?

Como os subsídios colhidos na pesquisa e nos encontros do GT-Território, informações e conhecimentos foram produzidos e acolhidos na formatação inicial do plano. Mais tarde, novos momentos foram realizados. Visitas de reconhecimento das fazendas desintrusadas e muitos debates ocorreram nas reuniões da AQCC e na associação do Sítio Paula. “A Gestão da Fazenda Conceição será feita em conjunto com toda a comunidade do Sítio Paula. Mas tem que participar, está nas reuniões, com a AQCC, a Associação do Sítio Paula e os outros moradores.” Depoimentos como esses eram constantemente escutados. “Tem áreas que estão preservadas, onde moram onças, raposas, preás, tudo que é tipo de bicho...”

As conversas eram no sentido de contribuir na definição de quais pontos não poderiam deixar de constar no plano. Quais os usos necessitariam ser combinados, afirmados no documento? Plantio; Moradia; Estrada; Reserva; Criação de animais; Campo de Futebol, foram algumas das expectativas de uso levantadas pelo público presente nos encontros. A proposta de usos das áreas baseou-se nos caminhos, nos cursos d’água, no relevo, nas áreas já utilizadas para agricultura, e nas áreas que mantinham cobertura vegetal nativa.

Na proposta final, considerou-se os seguintes temas para usos no território. Agricultura, moradia, criação de animais, extração de produtos naturais, lazer (campo de futebol), e áreas de conservação.

Concordando com a ideia de que nunca seremos fim, que nossa ancestralidade tem um caminho circular, e acreditando que, o que foi, é, sempre será, paro por aqui com as considerações que não são finais, mas que representam continuidade, porque a luta é permanente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marta de Oliveira. **A terra que volta: Gerindo territórios, memória e conflitos e normas em Conceição das Crioulas**. 2016. 518 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. **Relatórios das Atividades e Produtos dos Encontros do Grupo de Trabalho do Território**. Arquivo da associação.

_____. **Plano de Gestão do Território.**

BISPO DOS SANTOS, Antônio, **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112PP.

Carta de Princípios da Educação Escolar Quilombola. Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco. Recife. 2009.

FARIA, Elisabete Mónica Moreira. **Educação Artística Diferenciada: contando e recontando a história. Aprender fazendo com/para/na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.** Tese de doutorado - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, FBAUP – Porto/Portugal, 2016.

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do. **Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas-PE.** 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Nego Bispo - Trajetórias. Saberes Orgânicos e modos de vida. Disponível em <https://youtu.be/Tqt9BnrolFg?si=FpKuLaB5G4FiBBEs>. Acesso em 11 de junho de 2024.

Projeto Político Pedagógico das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. Salgueiro/PE, 2023.

RODRIGUES, Maria Diva da Silva. **Política de Nucleação de Escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola.** 125 f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UnB, 2017.

SANTOS, L. B. dos. O PENSAMENTO DE ABDIAS NASCIMENTO E ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS ACERCA DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS QUILOMBOLAS: PROPOSTAS PARA UMA RECONFIGURAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA: propostas para uma reconfiguração da sociedade brasileira. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 456–471, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/700>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, Givânia Maria da. **O Quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres: luta e resistência quilombola.** 2022. 381 f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.